

Desenvolvimento de produtos para a produção artesanal.

Ana Luiza Cerqueira Freitas (UFMG) analucf@terra.com.br
Eduardo Romeiro Filho (UFMG) romeiro@dep.ufmg.br

Resumo

Este artigo propõe dar continuidade a uma análise sobre a produção artesanal e chamar a atenção para os cuidados a serem considerados, no seu atual processo de aumento dos volumes de produção, para a não descaracterização do artesanato, preservando os valores sócio-culturais inerentes à atividade. Este artigo propõe, através de experiências em desenvolvimento de produtos neste segmento, uma reflexão sobre as metodologias adotadas, considerando as estratégias para se alcançar sustentabilidade. A necessidade e a oportunidade de oferecer produtos competitivos, com técnica aprimorada, condições ideais de produção, atenção ao ciclo de vida, a inserção do produto no mercado, a capacitação e atualização profissional, são aspectos que caracterizam a carência de uma revisão dos procedimentos até então adotados nesta proposta de desenvolvimento sócio-econômico.

Palavras chave: Produção, Produto, Artesanato.

1. Introdução

De acordo com os dados apresentados pelo Programa do Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2002), o segmento artesanal brasileiro envolve 8,5 milhões de pessoas em suas cadeias produtivas, movimentando cerca de R\$ 28 bilhões por ano. A variedade da produção artesanal brasileira impressiona. Particularmente no Estado de Minas Gerais, são fabricados objetos oriundos das mais diversas matérias-primas como fibras, algodão, argila, pedras, metais, plumagem, madeiras, materiais alternativos e reciclados, aliadas a outras tantas manifestações artísticas e de trabalhos manuais.

Diante deste contexto, a representatividade cultural, a geração de trabalho, são diversas as iniciativas que vem beneficiando o desenvolvimento do setor produtivo artesanal através de programas de capacitação, apoiados e fortalecidos por ações complementares como, por exemplo, aqueles relacionados ao agronegócio e ao turismo (SEBRAE, 2002). Em decorrência, existe uma demanda crescente pelo produto artesanal, o que leva a problemas relacionados ao aumento da produção, como seu planejamento e as condições de trabalho dos artesãos.

O objetivo deste trabalho é buscar compreender os princípios básicos e as particularidades da produção artesanal, para geração de estratégias mais apropriadas à adequada organização de um segmento representativo social e economicamente, gerador de benefícios reais de sustentabilidade diante de um cenário que tem se apresentado como promissor. O setor artesanal, que apesar de ser um sistema produtivo de baixa complexidade (se comparado com o setor industrial), abrange todo o processo de desenvolvimento de produto, desde a sua conceituação até a sua inserção no mercado. O desafio está em conciliar as necessidades do consumidor atual em termos de qualidade, custos, acesso etc. com as peculiaridades da produção artesanal, sem que ocorra a perda dos valores culturais e sociais do artesão e que este não acabe por ter suas condições de vida e de trabalho prejudicadas.

2. Mercado

Nos últimos anos, as mudanças de comportamento do consumidor, as consequências e a busca pela equalização com o processo de globalização, a preocupação generalizada com os aspectos ecológicos, as considerações sobre os elementos que integram o desenvolvimento sustentável e a revalorização de sentimentos de identidade, levaram ao contexto atual de ascendência das atividades produtivas artesanais. A conjugação do trabalho com a arte e as maneiras simples de viver vem dando respostas às necessidades materiais e imateriais de consumo e mostrando o caminho para um processo de reconstrução, além de representar uma valiosa fonte de geração de renda. O mercado consumidor do artesanato é composto principalmente de turistas, e os lojistas e intermediários, que contribuem consideravelmente para o escoamento da produção e para demandar a parceria de artesãos com outros profissionais no desenvolvimento de novos produtos.

Para competir com produtos asiáticos de qualidade aceitável e preços muito mais baixos, somente poderá ser conseguido quando se oferecer algo diferente, melhor concebido, que fale diretamente ao coração e à mente dos consumidores. Estes produtos oferecidos deverão incorporar algo mais, serem exclusivos, singulares, com uma história própria (BARROSO, 1999).

Ou seja, o produto artesanal tem mais valor agregado, em especial o valor de estima, e o principal caminho para alcançar esta proposta está na parceria entre profissionais que atuam com design de produto e artesãos. Os procedimentos básicos do processo de inserção do produto artesanal no mercado requerem também alguns cuidados que garantam a qualidade esperada pelo consumidor final. Nesse caso, embalagem, segurança de transporte, referências gráficas de informação são fundamentais de serem esclarecidas e praticadas.

3. Design e Artesanato

O sistema de produção artesanal pode ser considerado uma forma de base para a produção industrial, onde o desenvolvimento de produto vem como uma prática resposta às necessidades diárias, como um elemento facilitador no processo produtivo e mercadológico. Esta atividade de design de produto consiste em projetar. O designer de produto é aquele profissional geralmente com formação acadêmica de nível superior, onde ele é preparado para atuar nos mais diversos sistemas produtivos industriais, para a análise do comportamento do consumidor e percepções de oportunidades de mercado. É um profissional que busca permanentemente estar atualizado perante as tecnologias cada vez mais sofisticadas. O planejamento de um produto é uma atividade integrada que ultrapassa as considerações funcionais e formais. É uma atividade estratégica, de comunicação com o consumidor, de inovação.

O artesão, por outro lado, se caracteriza pela prática de atividades manuais. Muitos artesãos dedicam-se exclusivamente a esta atividade, e estes são o nosso objeto de estudo; outros a mantêm como uma complementação de renda. O artesão cria e constrói a peça que é geralmente portadora de elementos culturais, dominando todo o processo produtivo, trabalhando isolado, no caso de algumas técnicas, enquanto em outras se concilia com uma produção cooperada.

A promoção da parceria entre design e artesanato vem ampliando a produção tradicional no tocante ao aumento da gama de opções de produtos e do volume, visto a conquista de novos mercados, dentro e fora do país. Os novos atores voltados para o design de produto que começam a se aproximar do universo produtivo artesanal contribuem para estimular o processo criativo do artesão levando até ele considerações sobre o comportamento do consumidor, a identificação de novas oportunidades de mercado, pois são profissionais que buscam estar permanentemente atualizados nesse sentido. Esta parceria, ou modo de cooperação, tem trazido resultados surpreendentes, através de produtos simples, sofisticados,

inovadores no sentido de aliar as técnicas tradicionais de produção a novas tipologias de uso, além do precioso resgate das origens dos ofícios.

A ressalva talvez seja quanto aos cuidados a serem considerados para a adequação metodológica de desenvolvimento de produto. A metodologia de um artesão para esta atividade é, a partir da idéia, da concepção, construir a peça. Para os profissionais que atuam no planejamento do produto, o ato de projetar representa articular todos os aspectos que envolvem o produto a fim de ter mais garantias sobre a boa aceitação no mercado. Da mesma forma que na produção industrial, o processo de desenvolvimento de produtos para o setor artesanal também é sustentado pela renovação contínua de linhas de produtos.

4. Produto e Produção

A atividade de desenvolvimento de produto possui caráter investigativo que considerado do ponto de vista gerencial e estratégico, se concentra na solução de problemas específicos e concretos, e se preocupa em trabalhar suas descobertas em aplicações práticas que possam ser colocadas a serviço da produção, onde o produto final passa a ser visto como uma componente do processo. Estes conceitos quando aplicados ao desenvolvimento do produto artesanal significam pensar a experimentação, a matéria-prima, a técnica, o mercado e a comercialização; o que difere da indústria é a complexidade e o componente humano. Fruto do trabalho manual, é aquele produzido em pequena escala, e que tem condições de concorrer com o produto industrial, desde que o artesão, representante de boa parte do segmento produtivo e sócio-economicamente ativo na sociedade, valorize e aperfeiçoe o seu ofício. É uma atividade independente o que não significa que deva receber menos atenção. Ela deve ser cuidadosa e constantemente examinada e repensada. Dominar todo este processo de trabalho permite ao artesão realizar ajustes, não só na produção, mas também nas suas formas de organização.

No sistema tradicional de produção artesanal a técnica é repassada obedecendo a laços familiares ou a escolhas rígidas no sentido de estar transmitindo também os seus segredos, dentro da tradição das antigas corporações de ofício. Com a inserção dos programas de capacitação para o setor, técnicas produtivas são inseridas também por meio de treinamentos para grupos de potenciais artesãos como uma maneira de aliviar a situação de desemprego, reinclusão social ou de baixa renda, ou, nos outros casos, para o aprimoramento de ofícios.

Os aspectos produtivos artesanais, predominantemente manual, o uso de máquinas e ferramentas era, e ainda é, de forma rudimentar. Muitas vezes o artesão criava e construía seus instrumentos, aspecto característico deste segmento. A aquisição de recursos melhores era de mais difícil acesso e a infraestrutura das comunidades era precária, como por exemplo, sistemas de eletrificação, água e transportes, situação essa que mudou consideravelmente para melhor, o que vem permitindo ao artesão repensar e melhorar as suas condições de trabalho. Novas ferramentas e máquinas simples, porém com mais recursos e funções, são colocadas no mercado, ou seja, a evolução técnica tem sido inevitável. Além de máquinas e ferramentas novas, a prática da comercialização de máquinas e ferramentas usadas também foi intensificada. Neste processo, o cuidado deveria estar em mostrar para o artesão que alguns destes novos recursos acabam por prejudicar o produto, por exemplo, o uso de pistola de cola quente, que apesar de prático, compromete na maioria das vezes o acabamento final e comprometem a originalidade técnica das peças.

Com o aumento dos volumes de produção, muitos dos sistemas produtivos artesanais carecem de serem revistos em função não só do atendimento às oportunidades de mercado, mas também em função do bem estar do artesão, a começar pela aquisição da matéria-prima. Em nosso trabalho de campo ficou demonstrado que, onde antes buscava-se dois ou três sacos de palha de milho por semana para a confecção de alguns poucos cestos ou tapetes, hoje grupos

de artesãos associados adquirem toda a palha oriunda de colheitas locais de milho, como é o caso de Cipotânea, Minas Gerais, onde o cultivo deste grão aumentou em função do artesanato. Antes a palha era cedida pelos agricultores e hoje ela é vendida. Outro exemplo de aquisição de matéria-prima é no caso da cerâmica em comunidades do Vale do Jequitinhonha. A argila também já não é mais cedida. O transporte, geralmente feito em uma pequena carroça de madeira puxada pela artesã (predomina a presença de mulheres), torna-se insalubre pelo aumento do número de viagens e da distância visto que nos locais mais próximos não se encontra mais a argila adequada. Operações de preparação da matéria-prima demandam mais tempo do artesão em função do volume e da falta de condições de infraestrutura física para lavagem, tratamento e acondicionamento, até então adequada para pequenas quantidades.

O local de trabalho do artesão é atípico se o considerarmos como um sistema produtivo. Normalmente está vinculado ao ambiente doméstico, ou dentro de casa, ou ao lado. Percebe-se, claro, a preocupação do artesão em adequar-se a estas condições no que diz respeito a ter um certo conforto, mas esta preocupação está muitas vezes limitada a uma produção menor. A partir do momento em que há um aumento no volume produzido, aspectos referentes a posturas de trabalho, iluminação, manipulação dos objetos e materiais, dentre outros, precisam ser reavaliados, até porque em muitos casos cresce a necessidade de buscar auxiliares para a execução do trabalho. Na maioria das situações de atender a uma demanda, os artesãos dividem as tarefas. Continuam produzindo cada um em seu local de trabalho. Neste caso, com o objetivo de estabelecer um padrão mínimo de qualidade desejado pelo cliente, alguns cuidados deveriam ser considerados. A aquisição da matéria-prima e demais materiais necessários e o estabelecimento de critérios técnicos são alguns exemplos de ações que poderiam ser feitas em conjunto.

Outro ponto importante também a ser considerado com a intensificação da produção artesanal é o acondicionamento dos produtos acabados. O artesão pode estar trabalhando para atender a uma demanda específica, mas há a situação em que ele produz para atender a uma oportunidade de demanda. Voltando ao exemplo das peças de cerâmica no Vale do Jequitinhonha, onde a produção concentra-se na área rural, é costume passar não só mais os intermediários, mas os próprios lojistas, com veículos com maior capacidade de carga. Dessa forma, adquirem mais peças de uma vez, visto que as condições de acesso às comunidades rurais são precárias. Aquelas artesãs que tem mais peças deixam-nas acumuladas sobre uma lona ou pequenas coberturas de madeira improvisadas, ou dentro de casa, situações que ocasionam muitas quebras. A preocupação com embalagens é inexistente. Até que no caso de vendas maiores, e conhecendo as condições locais, este aspecto pode ser antecipado pelo comprador. Mas o artesão não pode deixar de considerar que muitas vezes a venda se realiza diretamente com o consumidor final e que geralmente é um turista, ou seja, está de passagem, e precisa ter uma proteção básica para garantir a integridade da peça até chegar ao seu destino. Ainda em relação ao escoamento da produção outra situação que aparece como nova para o artesão é a dificuldade de estabelecer uma logística de transporte para seus produtos. As feiras estaduais, nacionais e internacionais realizadas para a promoção do artesanato têm sido as oportunidades de concentrar a diversidade da produção brasileira e gerar novas oportunidades de negócios. A partir destes eventos, já é comum o contato e a transação comercial serem realizados através dos meios de comunicação disponíveis. De novo a tecnologia facilitando o acesso a locais mais distantes.

A sedimentação do comportamento individualista devido ao formato tradicional de produção artesanal tem sido, talvez, a maior dificuldade no processo de implantação de uma cultura cooperativista. O entendimento das comunidades quanto às suas vantagens como, por exemplo, melhor desempenho na produção, redução de custos na aquisição e no beneficiamento da matéria-prima, no transporte e na distribuição dos produtos, aumento da

rentabilidade e melhora da imagem junto ao público, ainda é restrito em função, provavelmente, do fato de não terem tido a orientação e o monitoramento durante um percurso de planejamento de produto e a implantação desse plano, principalmente nas etapas do sistema produtivo compreendidas entre a materialização do objeto até a sua chegada às mãos do cliente final.

Anteriormente, a demanda de produtos artesanais era pequena, local, o que significava um sistema de comercialização simples e informal. Com o aumento da demanda o raio de atuação comercial ampliou-se até o mercado externo e, com isso, surgiu para o artesão a necessidade de buscar informações a respeito deste novo contexto. Como a comercialização não é uma tarefa fácil, começam então a aparecer parcerias com outros profissionais, ou delegação de tarefas.

Além do esclarecimento sobre as razões que levam um grupo de pessoas a cooperar, a partir do momento que um grupo informal de artesãos decide estabelecer um sistema cooperado de produção é necessário a tomada de providências para formalizar este grupo. Além do estabelecimento de um estatuto que refere-se às leis orgânicas que governam este tipo de organização, é necessário o planejamento estratégico para o empreendimento, com metas precisas, e o planejamento operacional, tratando de garantir um bom andamento do trabalho, do mensuramento dos recursos, da adequação do mercado aos métodos de produção. Planejar o produto e a produção para a qualidade, segundo JURAN (1992), é, a partir das metas estabelecidas, identificar os clientes, determinar suas necessidades, desenvolver e aprimorar as características do produto a fim de atender a esses clientes, e desenvolver e aprimorar o processo para se alcançar essas características. É principalmente no planejamento operacional que se encontra a resistência do artesão, pois a informalidade é certamente uma situação cômoda no que diz respeito a não ter que trabalhar em função de algumas normas estabelecidas, porém fundamentais para garantir a otimização da produção. MOTTA (1998) diz que seria ingenuidade, nos dias atuais, acreditar que microestruturas produtivas não precisem mudar.

No entanto, considerando estes aspectos citados que caracterizam a organização de um sistema cooperativo de produção, é de grande importância considerar os aspectos que caracterizam o trabalho artesanal. Segundo SOUZA (1991):

A conceituação do artesanato é uma tarefa difícil, ante a polêmica existente entre aqueles que procuram defini-lo como uma atividade sócio-econômica e os que a definem como uma atividade que expressa a cultura de um povo, região ou raça. (...) é uma atividade com finalidades comerciais, que pode ser desenvolvida com ou sem o uso de máquinas rudimentares, onde predomina a habilidade manual e a criatividade de seu agente produtor, e desde que a sua produção não se realize em série.

Esses trechos destacam o que mais caracteriza o artesanato – a preservação da identidade cultural e o papel social da atividade. Quanto ao processo produtivo, um dos aspectos mais interessantes de ser observado é que, quando o artesão utiliza-se de algum tipo de instrumento na produção, ele é de fato tratado como a extensão de suas mãos, não comprometendo a sua força de expressão e, por isso, também, não comprometendo outra das principais características do artesanato que é de oferecer ao mercado um produto feito a mão. Outro ponto que deve ser levado em conta quando se propõe um sistema cooperativo para a produção artesanal, é a capacidade e autonomia do artesão de regular o seu próprio tempo de trabalho, compartilhando-o com as outras tarefas junto a sua família e a sua comunidade, fundamentais para a sua formação, para a sua percepção, e, conseqüentemente, para a sua linguagem de expressão refletidas no seu produto. Esse modo de produção é mais um dos elementos que o diferenciam do processo produtivo em série.

A identidade no artesanato, ou seja, as características próprias e exclusivas inerentes ao produto artesanal, são formadas pelos seus aspectos formais e funcionais, pela sua técnica produtiva, e pelos valores e fundamentos sócio-culturais provenientes do histórico das comunidades produtoras. Estas características identificam a procedência do produto e é fruto de uma tradução ou interpretação do artesanato. Neste sentido, desenvolver novas propostas de produtos para o setor artesanal significa estar envolvendo o artesão no processo de projeção. Caso contrário, se o artesão não participar, não tiver familiaridade com os novos conceitos de produtos e não entender a razão das propostas, porque elas se justificam em função de usabilidade e mercado, serão peças feitas provavelmente para atender a uma única encomenda. Não terá uma continuidade de produção por ausentar-se do seu repertório cultural.

No desenvolvimento de produtos para o setor produtivo artesanal, algumas adequações são necessárias considerando a metodologia clássica de design de produto a fim de garantir a qualidade final das propostas. Um aspecto a ser considerado é a realização do diagnóstico técnico e cultural. O conhecimento e o domínio da técnica artesanal é fundamental para o início da projeção de novas tipologias de produtos. O conhecimento da cultura que envolve o produtor ou a comunidade produtora permite ao profissional que atua no planejamento de produto visualizar as dificuldades e resistências perante a sugestão dessas tipologias. Outro aspecto, após esse reconhecimento do sistema produtivo é a etapa de capacitação técnica, quando se trata também de considerar as categorias mestre, oficial e aprendiz, e a capacitação mercadológica, no sentido de levar a esse contexto produtivo o entendimento sobre as necessidades e desejos do consumidor. Nesta etapa o designer de produto, que deve ser visto como um parceiro nesse processo de renovação e inovação, é capacitado pelos artesãos e pela comunidade local no que se refere às características que peculiarizam o sistema produtivo trabalhado. Essas peculiaridades serão também os aspectos que indicarão a identidade de procedência dos produtos tradicionais e das novas propostas de produtos. Uma preocupação que vem sendo discutida mais recentemente é a rigidez metodológica imposta para a etapa de desenvolvimento de produtos em função de padrões de atuação de algumas instituições que implantam programas de revitalização para o setor produtivo artesanal e o seu formato estanque. Conforme BONSIEPE (1995), a ação interdisciplinar no processo de trabalho demanda a revisão de métodos, e as experiências relatadas por VINACCIA (1995) e BARRAZA (1995) demonstram a possibilidade desta adequação em situações particulares do trabalho artesanal.

5. Conclusão

As diversas categorias de produtos artesanais possuem características peculiares, mas guardam em comum alguns princípios produtivos deste segmento. Aqueles de maior valor agregado como o artesanato indígena e de arte popular é de menor produção, possuindo maior valor de mercado. Em contraponto, aqueles de maior capacidade produtiva, que utilizam técnicas mais simples de produção e possuem menor valor no mercado são reconhecidos pejorativamente como o “industriano”, sendo um segmento por natureza marginalizado, por estar no “limite” entre a produção “autêntica” e aquela puramente industrial. Neste universo produtivo cada caso possui aspectos únicos e deveria ser trabalhado em função de seus objetivos e oportunidades de melhorias específicas para o atendimento a novos mercados, de sua capacidade produtiva, e da meta de se alcançar sustentabilidade, seja econômica, social, cultural e ambiental.

Diante deste cenário, este artigo propõe uma análise sobre as metodologias aplicadas ao desenvolvimento de produtos no segmento artesanal, considerando as experiências e estratégias que têm sido adotadas para alcançar esta sustentabilidade. A necessidade e a

oportunidade de oferecer produtos competitivos, com técnica aprimorada, condições ideais de produção, atenção ao ciclo de vida, a inserção do produto no mercado, a capacitação e atualização profissional, são aspectos que caracterizam a carência de uma revisão dos procedimentos até então adotados nesta proposta de desenvolvimento sócio-econômico. O artigo deve refletir a necessidade de novas metodologias de intervenção em Design e Engenharia nos processos de produção artesanal, que são por natureza diferentes daqueles da produção industrial. Neste sentido, é fundamental a criação de procedimentos metodológicos específicos e adequados à produção artesanal, para que sejam efetivamente garantidas as melhorias necessárias, mas sem a perda dos valores intrínsecos ao artesanato, conforme a preocupação de CROCCO com a pasteurização dos artesanatos regionais em sua reflexão sobre os programas de revitalização do artesanato (BORGES, 2002). O objetivo deveria concentrar-se na contribuição para a formação de parcerias justas e claras para o artesão, de acordo com as colocações feitas por CORREIA, BRANCO e GASPAR (2003).

Com estas considerações, sempre com atenção em não distorcer os aspectos que mais caracterizam a produção artesanal, talvez a cautela esteja em promover e inserir um sistema de cooperação para a produção artesanal identificando, em um primeiro momento, quais seriam as etapas em que os valores existentes no produto não fiquem comprometidos. A etapa de aquisição de matéria-prima, ou a fase de inserção do produto no mercado, poderiam ser exemplos de etapas que poderiam ser trabalhada de forma cooperada e, provavelmente, não iriam interferir no processo produtivo. O sistema de cooperação na produção artesanal deveria, por um lado, promover um sistema justo de comercialização e, por outro, estimular e preservar tradições.

Quando se fala em qualidade é preciso entender que esta palavra tem um sentido amplo e daí a necessidade de pontuar os aspectos que a compõem. A qualidade do produto artesanal está relacionada aos valores sócio-culturais dos quais é portador, e também está relacionada a sua usabilidade, durabilidade, confiabilidade, segurança, à satisfação do consumidor. A qualidade referente ao sistema produtivo artesanal diz respeito a se alcançar um padrão mínimo desejado, o que não significa ditar especificações rígidas para a produção, até porque o tema aqui tratado é sobre objetos feitos a mão.

Os aspectos produtivos devem ser considerados com cautela. Um novo produto pode apresentar-se como competitivo, mas se as condições de produzi-lo não estiverem bem dimensionadas, o artesão pode ter a frustração como consequência. Produtos bem conceituados, com bom acabamento muitas vezes tem sua produção comprometida em função de ferramentas e condições de trabalho inadequadas e mão de obra desqualificada. A movimentação gerada no setor artesanal vem gerando a necessidade de uma revisão nos processos de trabalho e de aquisição de conhecimentos e práticas de gestão aos quais o artesão não precisava estar atento, conforme foi verificado no estudo de SAFAR (2002).

Referência:

CORREIA, Susana. 2003. *Design e Artesanato*. Revista A Alma do Design. Centro Português de Design. Lisboa. p 9-10.

BRANCO, João. 2003. *Artesanato e Design: Parcerias com Futuro?* Revista A Alma do Design. Centro Português de Design. Lisboa. p 12-15.

GASPAR, Fernando. 2003. *Artesanato e Design – que cumplicidades?* Revista A Alma do Design. Centro Português de Design. Lisboa. p 28-29.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE (2002). *Pesquisa Cara Brasileira*. Brasília.

- SAFAR, GISELE HISSA (2002). *Subsídios para a Elaboração de Programas de Melhoria da Qualidade da Produção de Cerâmica Artesanal da cidade de Inhaúma, Minas Gerais*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- PROGRAMA DO ARTESANATO BRASILEIRO. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília. <http://pab.desenvolvimento.gov.br>. consulta feita em 2002.
- BORGES, A. (2002). *Heloísa Crocco, um dos principais nomes da junção design e artesanato no país*. A Casa – casa-museu do objeto brasileiro. www.acasa.org.br.
- BARROSO NETO, EDUARDO (1999). *Design, Identidade Cultural e Artesanato – para Primeira Jornada Iberoamericana de Design no Artesanato*. www.portaldigital.com.br
- MOTTA, Fernando C.P. (1998). *Teoria Geral da Administração*. Pioneira. São Paulo.
- BARRAZA, John Chamers. 1995. *Design, Artesanato e Desenvolvimento Regional*. Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural - Anais. FIESC, SENAI e Laboratório Brasileiro de Design Industrial. Florianópolis. p 29-31.
- VINACCIA, Giulio. 1995. *Design e Diversidade Cultural*. Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural - Anais. FIESC, SENAI e Laboratório Brasileiro de Design Industrial. Florianópolis. p 41-46.
- BONSIEPE, Gui. 1995. *Tendências no Discurso do Design*. Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural - Anais. FIESC, SENAI e Laboratório Brasileiro de Design Industrial. Florianópolis. p 111-116.
- JURAN, J.M. (1992). *A Qualidade desde o Projeto*. Pioneira. São Paulo.
- SOUZA, Tereza de. (1991). *Uma Estratégia de Marketing para o Artesanato do Rio Grande do Norte*. Tese de Doutorado em Administração da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo.